



FANZINE IKÚ: HISTÓRIAS DENTRO DA HISTÓRIA

FANZINE IKÚ: HISTORIES WITHIN THE HISTORY

Adriana Aparecida Mendonça

PUC-GOIÁS, Brasil
drialm@gmail.com

Link para visualização da narrativa:

https://drive.google.com/open?id=1GL9Jmdkqlcr1QF8jqgIsmQBxYfUN_LnMNMDDe878IW04

Resumo

A narrativa trata de um fanzine desenvolvido a partir do mito de *Ikú* (ou *Icu*), que na religião de matriz africana, candomblé, representa a morte: “No princípio do mundo Olofin fez o homem e a mulher e lhes deu vida. Olofin criou a vida, mas esqueceu-se de criar a morte. (...). Olofin viu que o mundo não era tão bom como ele tinha planejado e sentiu-se também velho e cansado para recomeçar o que tão mal tinha feito. Então, Olofin chamou Ikú, para que se encarregasse do assunto. E Ikú viu que havia que acabar com a época na qual as pessoas não morriam. Então Ikú fez com que chovesse sobre a terra durante trinta dias e trinta noites sem parar, e tudo foi ficando embaixo d’água. Só as crianças e os mais jovens conseguiram subir nas árvores e nas montanhas mais altas. (...). Os jovens viram, então, que a terra estava mais limpa e mais bonita, e correram para agradecer à Ikú, porque ele havia acabado com a imortalidade.” (Trecho do mito africano citado no filme *Guantanamera*, 1985). Como interpretação do mito no contexto do universo contemporâneo, a narrativa do fanzine *Ikú* se baseia em metáforas sobre recomeços depois de situações caóticas e sobre a finitude humana. Através de *Ikú* tracei paralelos entre a cultura cristã e a mitologia dos orixás africanos. Com técnicas de desenho, colagem, carimbo, estêncil e serigrafia, desenvolvi as páginas originais. Experimentei vários usos e possibilidades de impressão para as imagens contidas nesse processo, como desenvolvimento de novos formatos, por exemplo: ampliação para criação de um fanzine de grande formato; cópias com acréscimos de novos elementos para criação de um livro de artista; impressões ampliadas das páginas para serem coladas em paredes e muros (*lambes*); reproduções de imagens em *fine art* para serem expostas em museus. Criando assim, uma espécie de “história dentro da história”. Depois de desenvolver a narrativa visual e seus desdobramentos, escrevi minhas impressões sobre o resultado das imagens compostas nas páginas, sendo que este texto me ofereceu outras visualidades para novas narrativas:

Impressões de Ikú

Contra os inimigos! Esse é o super-homem que está sobrevoando as ervas dos orixás. Um homem negro com chapéu de folhas está fumando para que a fumaça tire das folhas o seu aroma.

O antes e o depois da expulsão: super-homem em todo seu poder, trazendo uma constelação do céu, não conseguiu deter Ikú.

Revoada de aviões, de pterodátilos. É bom aproveitar tantos seres voadores para capturar alguns.

Sistemas solares inteiros clamaram para que o humano chegasse, os dinossauros deveriam sair de cena, não havia espaço para todos, restaram os fósseis e as penas nos ambares para que o humano se divertisse no cinema. Eles são fissurados por telas comandáveis, retangulares e em movimento.

Depois que uma cobra gigante apareceu, perdeu-se regalias. Ela realmente era muito sedutora, não tinha como escapar. Uma cobra do tamanho de uma sucuri, com uma cabeça triangular e escamas ásperas, concluindo, a cobra é venenosa, apenas se assemelha a uma sucuri em seu tamanho e majestade, mas não mata pelo sufocamento, seu corpo grande não é forte, sua força está no veneno.

Nunca me senti tão só, a propriedade privada é a solidão.

O cemitério recebe em suas gavetas as vítimas de “ídiots” - homicídios, infanticídios, suicídios. Quantos negros mortos pela polícia? Apenas estatística? Não era a missão de Ikú, ele estava querendo outra morte, mas por causa da expulsão a morte perfura. Quero de volta a chave do paraíso mesmo que a cobra ainda esteja lá.

Dead End.

Palavras-Chave: Fanzine; Impressões; narrativa; morte.

Abstract

The narrative deals with a fanzine developed from the myth of Ikú (or Icu), which in the African matrix religion, candomblé, represents death: “At the beginning of the world Olofin made man and woman and gave them life. Olofin created life, but forgot to create death. (...). Olofin saw that the world was not as good as he had planned and he felt too old and tired to start over what he had done so badly. Then Olofin summoned Iku to take charge of the matter. And Iku saw that it was necessary to end the time when people did not die. Then Iku caused it to rain on the earth for thirty days and thirty nights without stopping, and everything went underwater. Only the children and the younger ones were able to climb the trees and the higher mountains. (...). The youth then saw that the earth was cleaner and more beautiful, and they rushed to thank Ikú, because he had finished with immortality.” (Excerpt from the African myth quoted in the film Guantanamera, 1985). As an interpretation of the myth in the context of the contemporary universe, the narrative of the fanzine Ikú is based on metaphors about resurgence after chaotic situations and about human finitude. Through Ikú I drew parallels between Christian culture and the mythology of the African orixás. With techniques of drawing, gluing, stamping, stenciling and serigraphy, I developed the original pages. I experimented with various uses and possibilities of printing for the images contained in this process, such as the development of new formats, for example: enlargement to create a large format fanzine; copies with additions of new elements for creation of an artist’s book; expanded prints of pages to be pasted on walls and walls (lambes); reproductions of images in fine art to be exhibited in museums. Thus creating a kind of “history within history”. After developing the visual narrative and its developments, I wrote my impressions on the results of the composite images on the pages, and this text offered me other visualities for new narratives:

Impressions of Ikú

Against the enemies! This is the superman who is flying over the orixás herbs. A black man with a hat of leaves is smoking so that the smoke takes from the leaves its aroma.

The before and after the expulsion: Superman in all his power, bringing a constellation from the sky, could not stop Ikú.

Airplane flying, pterodactyls. It is good to seize so many flying beings to capture some.

Whole solar systems cried out for the human to arrive, dinosaurs should leave the scene, there was no room for everyone, fossils and feathers remained in the ambares for the human to have fun in the movies. They are cracked by commanding, rectangular, and moving screens.

After a gigantic snake appeared, perks were lost. She really was very seductive, there was no escape. A snake the size of a succulent, with a triangular head and rough scales, concluding, the snake is poisonous,

only resembles a sucuri in its size and majesty, but does not kill by suffocation, its large body is not strong, its strength is in the poison.

I've never felt so alone, private property is solitude.

The cemetery receives in its drawers the victims of "idios" - homicides, infanticide, suicides. How many blacks killed by the police? Just statistics? It was not Iku's mission, he was wanting another death, but because of the expulsion death pierces. I want back the key to paradise even though the snake is still there.

Dead End.

Keywords: fanzine; impressions; narrative; death.

Referências

ANDRAUS, Gazy e SANTOS NETO, Elydio dos. Dos Zines aos Biograficines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. In. **Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si.** / Cellina Rodrigues Muniz. (organizadora) – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

ANDRAUS, Gazy. A independência escrita-imagetica caótico-organizacional do fanzine: para uma letra/feitura autoral criativa e pluriforme. Trabalho apresentado ao Eixo 14 - Escritas, Imagens e Criação: Diferir no 170. **COLE.** Campinas, julho de 2009.

COSTELLA, Antonio F. **Introdução à gravura e à sua história.** Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2006.

FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; VALE, Márcio do. **Oficinas: Gravura.** Rio de Janeiro: SENAC/DN, 1999.

MAGALHÃES, Henrique. Fanzine: comunicação popular e resistência cultural. **Visualidades:** Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Vol. 5, num. 1. FAV, UFG. Goiânia, 2007.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines.** João Pessoa: Marca de fantasia, 2003.

MAGALHÃES, Henrique. Fanzine: comunicação popular e resistência cultural. Goiânia: **Visualidades** - Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, Volume 7 – FAV/UFG, 2009.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis: estética, educação e comunidades.** Chapecó: Agros, 2005.

PRANDI, REGINALDO. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SNO, Márcio. **O universo paralelo dos zines.** São Paulo: TimoZine, 2015.

Minicurrículo

Adriana Aparecida Mendonça

Doutoranda em Arte e cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, Licenciada em Artes Visuais (2014) e Bacharel em artes Visuais (1996), mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (2008) e em Patrimônio Cultural pela PUC-Goiás (2005). Professora da PUC-Goiás no departamento de Artes e Arquitetura. Possui livros publicados na área de Literatura Infantil.